

# O neoliberalismo não é um ‘slogan’ – histórias de uma ideia poderosa

por João Rodrigues

**Quinta, 6 de março**  
O neoliberalismo como reação:  
de Viena a Mont Pèlerin

**Quinta, 13 de março**  
Um feixe de ideias em progresso:  
de Chicago a Friburgo

**Quinta, 20 de março**  
A hegemonia neoliberal: do Chile aos  
Consensos de Washington e de Bruxelas

**Sexta, 28 de março**  
A crise é sempre uma oportunidade:  
o caso da Zona Euro

Segundo alguns, o neoliberalismo é um *slogan* usado por anticapitalistas para caricaturar os seus oponentes. Segundo outros, é uma tentativa para regressar ao capitalismo *laissez-faire*.

Desaparecem, assim, os traços distintivos de um feixe transdisciplinar e transnacional de ideias que se desenvolveu a partir dos anos trinta do século XX, quando o termo entra em circulação, e que encontrou nos anos setenta a oportunidade para uma continuada hegemonia. A crise de 2007-2008, segundo muitos, teria marcado o seu fim, mas as políticas neoliberais aí estão, em força no nosso país e não só. Através de uma história crítica do neoliberalismo, como reação inicial aos “socialistas de todos os partidos”, pretende-se expor as inovações intelectuais e os mecanismos económico-políticos por detrás de um projeto que busca encontrar soluções para democracias de alcance tanto quanto possível limitado, ou mesmo para regimes autoritários ditos de exceção, permitindo subordinar a atuação dos governos à promoção de políticas de concorrência mercantil em áreas crescentes da vida

social. Seguindo a injunção de Margaret Thatcher – “a economia é o método, o objetivo é mudar a alma” – procurar-se-á caracterizar um imaginário social assente no chamado empreendedorismo, em que os indivíduos são declarados livres na medida em que estão imersos em mercados. Ancoradas na ideia de que a justiça social não passaria de inveja idealizada, as regras económicas neoliberais favorecem a concentração de recursos no topo da pirâmide social, mas têm um poder que vai para lá de interesses de classe.

**A hegemonia neoliberal: do Chile aos Consensos de Washington e de Bruxelas**

Em 1974, o Banco Central da Suécia atribuiu o Prémio de Economia “em memória de Alfred Nobel”, a Friedrich Hayek e a Gunnar Myrdal, dois economistas com perspetivas distintas, um neoliberal e o outro socialista. Os polarizados anos setenta são de bifurcação e este contrastante reconhecimento pode servir para assinalar isso mesmo.

Em 1976, um anos depois do seu encontro com Pinochet, seria a vez de Milton Friedman ser galardoado. Muitos outros membros da Mont Pèlerin Society se seguiriam. Quando no final da década de oitenta a expressão “Consenso de Washington” é cunhada, no mesmo ano em que Fukuyama proclama o “fim da história”, a hegemonia neoliberal parece não ter rival.

Longe vão os tempos da radicalização social-democrata, suportada por uma combatividade sindical sem paralelo e ancorada nos projetos de socialização do investimento na Suécia ou das nacionalizações de Mitterrand. Longe vão os tempos da expansão do socialismo ou da assertividade terceiro-mundista expressa na ideia de uma

“Nova Ordem Económica Internacional”, combinando protecionismo e cooperação internacional. Longe vão os tempos de compressão dos rendimentos do capital, em especial do capital financeiro, pela inflação e pelas reivindicações laborais.

Se o neoliberalismo é mais do que um reflexo ideológico de poderosos interesses de classe com ancoragem geopolítica, sobretudo nos interesses do mundo anglo-saxónico, a verdade é que sem a consideração destes interesses a inscrição do neoliberalismo nas políticas em múltiplas escalas, no Norte e Sul globais, é incompreensível: das subidas de taxas de juro de Paul Volcker da Reserva Federal norte-americana aos embates antissindicalistas de Reagan e Thatcher, passando pela experiência da ditadura chilena ou pela forma como as crises da dívida são “resolvidas” nos anos oitenta e noventa pelos representantes dos credores. A naturalização da privatização e da liberalização, no campo da finança e não só, vão exigir uma mobilização de poderes sem paralelo; a naturalização das desigualdades e da impotência política para contrariar as forças de mercado também.

**João Rodrigues** nasceu em Coimbra, em 1977. Economista. Investigador do Centro de Estudos Sociais e Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Doutorada pela Universidade de Manchester. A sua investigação tem-se debruçado sobre temas de economia política, da história do neoliberalismo à crise do euro, sendo autor de diversas publicações nestas áreas. É membro do Conselho Editorial do *Le Monde diplomatique*, edição portuguesa, e coautor do blogue de economia política *Ladrões de Bicicletas*.

CONFERÊNCIAS 6, 13, 20 E 28 DE MARÇO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO